

Brasília nova de novo

» IBANEIS ROCHA
Governador do Distrito Federal

Um novo tempo está diante de nós. Depois de dois anos de isolamento, restrições e novas obrigações, voltamos à vida normal, ainda que seja recomendável manter alguns cuidados. É tempo de encarar erros e acertos, de analisar o que foi e o que deixou de ser feito, mesmo que por ser inevitável. É o que temos realizando diariamente.

Ninguém estava preparado para os desafios que o mundo enfrentou e que deixaram sequelas — muitas infelizmente irreparáveis. Ficamos isolados, sem poder ir às ruas. Mas estamos iniciando a fase de recuperar a vida que tínhamos antes, embora com uma visão diferente, moldada pelas dificuldades que vimos tanta gente passar. Acredito que hoje todos nós ganhamos uma consciência social mais apurada.

Aqui, no Distrito Federal, nós investimos centenas de milhões de reais no auxílio a pessoas carentes, a famílias que tiveram suas necessidades mais básicas negadas neste momento de dificuldade mundial. Já havíamos reduzido o valor da refeição em nossos 14 restaurantes comunitários para R\$ 1, preço de 20 anos atrás, mas era preciso fazer mais.

E fizemos a maior rede de proteção social do Brasil, beneficiando mais de 766 mil pessoas. Vários restaurantes passaram a oferecer o café da manhã por R\$ 0,50, criamos o Prato Cheio, que atende a 40 mil famílias, com R\$ 250 mensais, o Cartão Gás, que beneficia 70 mil famílias com R\$ 90 a cada dois meses, e o DF Social, recebido por 55 mil famílias. Ao todo, são sete programas de benefícios sociais e três de transferência de renda.

Esta foi a nossa maior obra. Na hora mais difícil da vida dessas famílias, o GDF pode oferecer esses meios de subsistência, até que possam retornar ao mercado de trabalho que, como mostram os estudos da Codeplan, voltou a crescer no Distrito Federal. Ao mesmo tempo, estamos qualificando trabalhadores, que recebem salário para aprender profissões. E, como a crise subsiste, vamos iniciar um novo programa para auxiliar o trabalhador que está há mais de seis meses sem emprego com uma cesta básica.

Estamos saindo fortes do pós-pandemia. Um dos maiores acertos foi manter a indústria da construção civil funcionando, com a colaboração das empresas para que fossem tomados todos os cuidados sanitários. Isso permitiu um grande impulso, tanto em obras privadas quanto públicas, aliás, aceleradas.

Já terminamos as obras que encontramos paradas, caso das três estações de metrô já inauguradas (em Taguatinga e duas na Asa Sul), do complexo viário Joaquim Roriz, na saída norte, que facilitou muito a vida de quem vive na região e beneficia 100 mil motoristas



G O M E Z

que passam por ali todo dia, e do sistema de abastecimento de água de Corumbá IV, que acaba com essa história de racionamento hídrico entre nós. Também reerguemos o viaduto que desabou no Eixão Sul e ficou no chão por dez meses, inauguramos uma Galeria dos Estados mais moderna e confortável e tivemos o cuidado extra de reforçar a estrutura de todos os viadutos do Plano Piloto, que estavam em situação precária, mesmo trabalho que está sendo feito na Ponte Costa e Silva.

Outros projetos foram recuperados, modernizados e finalmente estão saindo do papel, caso do grande Hospital do Câncer Dr. Jofran Frejat, que já está em obras e certamente será uma referência no tratamento dessa doença terrível, do Túnel de Taguatinga, que já está em fase final e entrará em funcionamento nos próximos meses, assim como o viaduto na entrada do Recanto das Emas, que vai melhorar a vida de 150 mil motoristas que passam ali todos os dias.

Nosso secretário de governo, meu amigo José Humberto Pires, gosta de contar. Ele diz que são mais de 1.600 obras. Reconheço que muitas atrasaram um pouco, mas na verdade a pandemia atrasou a vida de todos por dois anos — parou até os campeonatos de futebol e as novelas da TV; mas quem me conhece

sabe que eu não gosto de olhar pelo retrovisor. Olhando para frente, reformamos todas as mais de 600 escolas do DF durante a pandemia, construímos creches e mais escolas.

Na área da saúde, depois de completar as equipes, reformar e abastecer as seis Unidades de Pronto Atendimento que funcionavam precariamente, construímos mais sete UPAs, ampliando em mais 32 mil o número de atendimentos por mês. O programa Saúde da Família hoje tem a maior cobertura do país; já construímos 10 Unidades Básicas de Saúde e ainda este ano temos projeto de fazer mais 18. Isso sem contar a Clínica da Mulher na Asa Sul e a Casa da Mulher Brasileira, em Ceilândia.

Ainda é preciso fazer muito. A pandemia exigiu uma atenção praticamente exclusiva e milhares de cirurgias eletivas deixaram de ser feitas. Mais de 10 mil profissionais, entre médicos, enfermeiros e técnicos, foram contratados. E, neste período crítico, dobramos a capacidade de dois e construímos um novo hospital, aumentando em mais de 250 leitos a capacidade de atendimento da nossa rede pública. Agora, é tempo de comemorar. De festejar os 62 anos da inauguração da nova capital, a nossa casa. Feliz aniversário, Brasília; feliz vida nova para todos nós.

Duas aniversariantes, um só lugar

» MÁRCIA ABRAHÃO
Reitora da Universidade de Brasília

Para o antropólogo Darcy Ribeiro, a Universidade de Brasília deveria “pensar o Brasil como problema”. O fundador e primeiro reitor afirmou também que a UnB nascia com a missão de inovar. Foram muitos os percalços desde a sua instalação, em 21 de abril de 1962. Entretanto, a Universidade que hoje completa 60 anos nunca deixou de encarar sem medo a realidade nacional, sempre levando em conta seu lugar de vanguarda.

O aniversário da UnB é sempre também o aniversário de Brasília, inaugurada dois anos a partir da determinação de Juscelino Kubitschek e erguida com o esforço de gente de todo o país inspirada pela garra e o rigor ético de homens como Bernardo Sayão. Celebrar a existência da UnB significa, antes de tudo, comemorar a construção da moderna capital brasileira e, assim, dar vivas à criação humana e sua capacidade de inventar a vida em novas formas, com novos conteúdos.

Assim como Brasília, a instituição que tenho a honra de dirigir há cinco anos e meio é lugar de encontro de pessoas das mais diversas origens, dos mais diversos matizes e cores, das mais amplas e incríveis capacidades, pessoas que se dedicam ao ensino, à pesquisa e à extensão, professores, estudantes e técnicos empenhados em devolver à sociedade brasileira a confiança neles depositada.

Não seria demais dizer que a UnB é uma Brasília em permanente construção, cidade de mais de 50 mil habitantes que se renova a cada semestre, a cada formatura, a cada banca de conclusão de curso, a cada defesa de dissertação, a cada tese defendida com suor e, muitas vezes, lágrimas. Ficaram para trás

os 10 mil estudantes previstos por Darcy, no projeto inicial de organização da UnB, como “lotação total” da Universidade ao final da década de 1970.

Com o passar do tempo, a Universidade ganhou outra vocação que faria o antropólogo soltar gritos de alegria. Somos um lugar de inclusão. Temos a ousadia de querer ensinar ao Brasil que é possível colocar para dentro todos que se sentem de fora. Para isso, não abrimos mão da excelência acadêmica.

E esse espaço de identidade e afeto, inicialmente cravado na Asa Norte do Plano Piloto, de asas abertas em todo o Distrito Federal, existe porque Brasília existe. E existe para Brasília e para todo o país, assim como a sua capital. São irmãs do mesmo casamento entre criatividade e desafio, entre ciências exatas e humanidades, entre conhecimento e reconhecimento.

A história sexagenária da UnB se fez de desafios e de conquistas. Próxima ao poder federal, a Universidade parece refletir a vida nacional. É caixa de ressonância inquieta e vibrante. O originário grito de independência pedagógica se viu, durante 20 anos, sufocado pela constrangedora situação política antidemocrática. Nos últimos anos, enfrenta restrições orçamentárias e ataques à liberdade de cátedra que pretendem silenciar a nossa razão de ser, a verdade da nossa ciência. Nossa autonomia.

Só que não. A UnB cresceu, apareceu e continua a se estender pelo território por meio de suas ações de diálogo direto com a sociedade. Se soubemos nos adaptar aos desafios da pandemia, foi porque nos mobilizamos para

mostrar a força da ciência e da verdade científica quando fomos (e somos) atacados por todos os lados por fake news e negacionismo. Temos, entretanto, um diferencial: acolhimento, coração aberto, disposição ao diálogo.

A UnB acolhe e reverbera no presente histórico o território urbano que habitamos no cotidiano e que tanto nos deslumbra a cada pôr do sol, cada ipê florido, cada gota de chuva quando já não mais suportamos a seca. Brasília e sua universidade pública federal precisam estreitar cada vez mais laços: são parecidas na vontade do projeto original, semelhantes no desejo do desenvolvimento pleno e interior do país, próximas no gesto primeiro do arquiteto em criar beleza e espanto na prancheta, linhas que viram realidade concreta, decisões que afetam toda a federação.

A UnB completa 60 anos de história tentando mostrar como é possível educar, digamos, fora da casinha. Incorpora o que precisa ser conservado da experiência histórica, mas sempre arriscando e riscando novos caminhos. Necessária, a Universidade de Brasília atua no nunca e no sempre. Que tenha vida longa e possa fazer prosperar a vida de cidadãs e cidadãos que nela apostam sua formação, seu reconhecimento e sua felicidade.

Nos 62 anos de Brasília, nossos sinceros votos são para que, neste momento difícil e sensível por que passamos, ela se junte ao slogan do aniversário da UnB: atuante como sempre, necessária como nunca. Que um sonho bastante realista recupere a força primordial que permitiu com que a capital fosse erguida na solidão do Planalto Central, “cérebro das altas decisões nacionais”, como quis e afirmou JK.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Realidade cruenta

Dos fatores que, aos poucos, vão tornando o estabelecimento do sistema executivo dual, também conhecido por semipresidencialismo, uma realidade de governo, tanto o chamado presidencialismo de coalizão quanto o avanço das emendas parlamentares sobre o Orçamento da União, são, por suas repercussões práticas, aqueles mecanismos que, de fato, introduziram esse modelo previsto, ou não, pela Constituição.

Leis, em um país em que os institutos legais são, de um modo geral, flexíveis e interpretados de acordo com as necessidades ou realidade políticas do momento, podem ser facilmente adaptadas, ou para não gerar crises institucionais, ou para satisfazer Legislativo e Executivo naquilo que lhes é mais precioso: a manutenção do poder.

A regra dividir para governar que, em análises do tipo maquiavélicas (livro *IV Dell'arte della guerra*), tem um sentido estrito e didático no mundo da política nacional, em que a fronteira entre os Poderes da República é traçada não por um limite constitucional, mas por um amplo balcão, em que se estabelecem acordos e negociatas de todos os tipos. Melhor dividir o comando do Estado do que não existir possibilidade de alguma de governo para nenhuma das partes.

E nesse jogo de braço que a racionalidade cede lugar aos fisiologismos e que a realidade se impõe em nosso país. O perigo desse arranjo é verificarmos, lá na frente, que nenhum dos Poderes governa de fato e que a nação vai sendo posta em segundo plano, submetida aos humores do Executivo e do Legislativo.

Eis-nos aqui defronte do que chamaríamos de uma realidade cruenta e desenxabida. É num cenário político e distópico como esse que personagens de ocasião, como o Centrão, ganham protagonismo e as chaves do cofre. A arma dessa política, feita de ameaças, usa como munição ou o instituto do impeachment, no caso do não atendimento da coalizão de governo, ou, por outra via, a entrega incondicional à Câmara e ao Senado de um bom naco do Orçamento da União. Nos dois casos o Congresso encosta o Executivo contra a parede.

Não há governabilidade possível sem a divisão, com o Legislativo, tanto da máquina do Estado quanto do orçamento da União. Se é isso o que chamam de sistema democrático de governo, quem somos nós para dizer o contrário. Não por outra razão, analistas e entendidos na intrincada ciência contábil das finanças públicas alertam para a crescente pressão que o Congresso faz para que o Executivo libere, cada vez mais, recursos do orçamento para as emendas parlamentares individuais de bancada e de relator. Esse valor, segundo apontam, chega a R\$ 36 bilhões, representando algo como 24% da soma das despesas com emendas. Trata-se do maior percentual do planeta.

Em nenhuma outra nação democrática do globo, as emendas propostas por políticos no Legislativo ao Orçamento da União são tão expressivas e extorsivas quanto as apresentadas em nosso país. Nesses países, muitos deles bem mais ricos do que o Brasil, o percentual das emendas gira em torno de 0,01% das despesas primárias.

O pior, nesse avanço sobre o orçamento da União, é que, segundo os pesquisadores (Instituto Millenium e outros), esse modelo provoca, além de uma distorção em todo o sistema orçamentário — atributo exclusivo do Executivo e um dos seus pilares constitucionais —, uma perda da governabilidade do Executivo, um crescente aumento de despesas e da corrupção, uma vez que parte do dinheiro acaba indo para redutos eleitorais, empresas amigas suspeitas, familiares e outros afins.

Esse avanço sobre o orçamento provoca ainda sensível diminuição na qualidade das políticas públicas, que perdem seu sentido de conjunto e passa a atender somente a esse ou aquele político, deixando de lado um universo de necessidades que um país continental como o nosso tem.

A prosseguir esse modelo, que privilegia alguns em detrimento do grosso da população, os desperdícios de dinheiro público, os casos de corrupção e dos gastos com Fundo Eleitoral só tenderão a aumentar, criando um modelo atualizado de curral eleitoral, feito na contramão do mundo civilizado.

» A frase que foi pronunciada

“Um leitor nos sugeriu que as eleições sejam realizadas no dia seguinte ao pagamento do Imposto de Renda. Essa é uma das poucas coisas que podem desencorajar os políticos de serem grandes gastadores.”

Thomas Sowell, economista estadunidense, crítico social, filósofo político e escritor

Adeus

» A família Eduardo Dantas Ramos informa que o pioneiro, grande amigo de Ari Cunha, faleceu. Em breve, serão anunciados os detalhes da Missa de Sétimo Dia. Nosso abraço à Norma e aos filhos nesse difícil momento.

HD fresquinho

» Rafael é curioso. Ouvindo as notícias sobre pesquisa eleitoral, o garoto perguntou o que é método científico. Depois da longa explicação do pai, retrucou: “Se método científico é isso, por que vocês disseram que, nas eleições passadas, as pesquisas não paravam de errar?” Ter filho com memória dá

» História de Brasília

O senador Afonso Arinos, representante do Brasil junto à ONU, como chefe de delegação, almoçou, ontem, sem protocolo, na Churrascaria do Lago. Tirou o paletó, pôs à mostra seus suspensórios pretos, comeu frango com salada e tomou vinho Granja União Bonarda. (Publicada em 21/2/1962)